

TRANSCODIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA OU TRANSFERÊNCIA CULTURAL? UMA CRÍTICA DA TEORIA DA TRADUÇÃO NA ALEMANHA *

MARY SNELL-HORNBY

ABSTRACT

This paper presents an overview of the two main approaches in translation that have developed in Germany since the war: the linguistically oriented *Übersetzungswissenschaft*, represented by theorists of the Leipzig School, such as Wills and Koller; and the culturally oriented approach of scholars such as Vermeer. An alternative concept is outlined for an integrated approach to translation, where possible linking the German theories to what has developed in English as translation studies, and especially linking the field of literary translation theory to relevant approaches in linguistics.

Desde os tempos de Martinho Lutero, a Alemanha tem desempenhado um papel pioneiro tanto no campo da teoria quanto da prática da tradução, mas, ainda, nos estudos ingleses sobre teoria da tradução, essa riqueza de erudição e experiência está parcamente mencionada. Evidentemente, mesmo os estudiosos de tradução têm dificuldades com as barreiras entre as línguas. Recentemente, ocorreu uma ebulição de novas idéias sobre tradução nos países falantes de língua alemã, muitas das quais foram intensamente debatidas em inúmeras publicações, mas os nomes familiares no cenário da teoria da tradução alemã permanecem virtualmente desconhecidos, no mundo de falantes de língua inglesa. Como tentativa de minimizar tal desconhecimento, este ensaio apresenta uma panorâmica das duas principais tendências de teoria da tradução que se desenvolveram na Alemanha desde a segunda guerra: a de orientação lingüística, *Übersetzungswissenschaft*, representada particularmente pelos teóricos da escola de Leipzig, em conjunto com Wolfram Wilss e Werner Koller; e a outra, uma abordagem de orientação cultural e representada por estudiosos tais como Hans J. Vermeer. A título de conclusão, um conceito alternativo será delineado em nome de uma abordagem

* Traduzido a partir do texto *Linguistic Transcoding or Cultural Transfer? A Critic of Translation Theory in Germany*. In *Translation, History and Culture*, editado por Susan Bassnett e André Lefevere. 1990.

integrada de tradução, na medida do possível estabelecendo uma ligação entre as teorias alemãs e o que se desenvolveu no inglês como *translation studies*, e particularmente ligando o campo de teoria de tradução literária a relevantes abordagens em lingüística.

Por 2.000 anos a teoria da tradução (chamada “tradicional” por alguns e considerada, agora, “pré-científica”, por outros) esteve preocupada com notáveis obras de arte. O foco era, por conseguinte, a tradução literária e no centro do debate estava a tão conhecida dicotomia da palavra e sentido, da tradução ‘fiel’ versus a tradução ‘livre’. O panorama modificou-se bruscamente depois da segunda guerra, em face da euforia que aclamou a máquina da tradução no início dos anos 50, quando havia uma urgência por rigor científico no campo da tradução, para substituir aquilo que se considerava uma especulação confusa até então. Isto desencadeou o aparecimento da ‘ciência da tradução’ tal como era entendida por Nida (1964) e da escola *Übersetzungswissenschaft* que se desenvolveu na Alemanha. Este ramo de estudos da tradução foi por muito tempo claramente definido como uma área da lingüística aplicada, cujos objetivos e métodos eram indiscutivelmente adotados. Como a lingüística, que tinha por objetivo tornar o estudo da língua estritamente científico, a *Übersetzungswissenschaft*, pelo menos no início, tinha por objetivo tornar o estudo da tradução rigorosamente científico e impermeável, e, como a lingüística, adotou pontos de vista e métodos das ciências exatas, particularmente da matemática e da lógica formal. Basicamente, a tradução era vista como transcodificação lingüística, exatamente como era a definição de tradução de Koller, em um livro publicado em 1972¹: ele defende que, lingüisticamente, a tradução pode ser descrita como transcodificação ou substituição, de tal forma que os elementos a_1, a_2, a_3 de um inventário de signos lingüísticos L_1 são substituídos por elementos b_1, b_2, b_3 de um inventário de signos lingüísticos L_2 (1972:69-70).

Dessa perspectiva, a língua é vista como um código que se refere a um sistema de universais, e os elementos discrepantes das duas línguas são ligados por um *tertium comparationis* comum e interlingual, em virtude do que podem ser descritos como ‘equivalentes’.

1. A ILUSÃO DA EQUÍVALÊNCIA

O conceito de equivalência era considerado básico para qualquer teoria de orientação lingüística, estivessem os estudiosos em questão escrevendo em inglês (Catford, 1965; Nida e Taber, 1969) ou em alemão (Kade, 1968; Reiss, 1971; Wilss, 1977). Esse é todavia um conceito bastante controverso, e, a despeito do debate de mais

¹ No sentido de esse ensaio preencher a sua função intencionada de ultrapassar as barreiras entre as línguas, as traduções das citações em alemão são apresentadas em inglês literal, seguidas pela referência bibliográfica.

de vinte anos, ele nunca foi satisfatoriamente definido no que tange à sua relevância para a tradução. Em outros trabalhos, mostrei (Sneel-Hornby, 1986b:13-16; 1988:13-22) que o termo inglês “equivalence” e o termo alemão *Äquivalenz* não são, pelo menos no sentido estritamente científico, equívalentes. Talvez seja por isso que, para a mente pragmática anglo-saxônica, o debate promovido pelos estudiosos alemães sobre esse tópico pareça tão estranhamente dogmático e distante da realidade: enquanto que em inglês o adjetivo ‘equivalent’ foi usado desde 1460 em seu sentido comum, o confuso sentido corriqueiro de ‘virtualmente a mesma coisa’, ‘de mesma significação’; no interior da *Übersetzungswissenschaft* alemã, assumiu-se o conceito *Äquivalenz* como um termo estritamente científico derivado da matemática ou da lógica formal (ou de ambas), durante os primeiros tempos da máquina de traduzir (Wilss, 1977), o que justifica dizer que o elemento de reversibilidade era enfatizado².

Como esperado, nessa abordagem o conceito *Äquivalenz* provou ser mais apropriado no âmbito da palavra do que do texto, e era este melhor aplicado à área sistêmica de lingüística contrastiva, comparativamente ao ato de traduzir. Em outras palavras, o termo *Äquivalenz* teve seus melhores resultados no campo da lexicologia contrastiva. Grande quantidade de trabalho foi realizada sobre esse assunto em Leipzig (ver Jäger e Neubert, 1982); particularmente são bem conhecidos os quatro tipos de equivalência propostos por Otto Kade (1968). São estes: (1) equivalência *total*, encontrada em termos completamente idênticos e em terminologia padronizada; (2) equivalência *facultativa* (um para vários), como exemplificada pela palavra *Spannung* do alemão em comparação com os termos *voltage*, *tension*, *suspense*, *stress*, *pressure* [voltagem, tensão, suspense, estresse, pressão] do inglês; (3) equivalência *aproximativa* (um para parte de um), como na palavra alemã *Himmel* comparada a *heaven/sky* [paraíso/céu] do inglês; e (4) equivalência *zero*, como em termos com limites culturalmente marcados, como em *wicket* e *haggis**. Nesse cenário assumiu-se que o sistema da língua poderia ser equacionado com a realização concreta em um texto, por meio do qual o sistema proveria ‘equivalentes potenciais’ entre os quais o tradutor selecionaria o ‘equivalente ótimo’ para o caso em questão. Gradualmente, entretanto, percebeu-se que a tradução é mais do que uma seqüência de palavras desatadas, e o conceito de ‘unidade tradutória’ foi desenvolvido como base para uma abordagem científica de tradução: a princípio, essa unidade era identificada com a frase ou com a expressão idiomática entre os níveis da palavra e da sentença, mas, gradualmente, se fortaleceu de tal forma que a única base possível para a comparação em tradução era o texto completo. Estas várias posições estão organizadas no estudo pioneiro feito por Katharina Reiss (1971), que demanda por equivalência tanto no âmbito do texto quanto

² Note-se que isto também se aplica ao termo técnico do inglês *equivalence*, tanto quanto na matemática, e também como um termo lingüístico da gramática transformacional.

* N.T.: *Wicket*, no jogo de críquete, pode referir-se aos dois conjuntos de três estacas sustentadas por pedaços de madeira na parte de cima; a bola é atirada nesse aparato e é defendida pelo *batsman*. *Haggis* refere-se a um prato da culinária escocesa feito de coração, fígado e pulmão de carneiro cozidos em um envólucro, normalmente o próprio estômago do carneiro.

entre unidades tradutórias individuais (1971:11-12). A contribuição principal de Reiss nesse estudo, entretanto, reside nos critérios que oferece para a crítica da tradução, que dependem, basicamente - não dos itens lexicais como defende Kade -, mas da tipologia global do texto em questão. Os tipos de textos são definidos como: *informativo* (por exemplo, um relatório científico), *expressivo* (por exemplo, um poema lírico) e *conativo* (por exemplo, um anúncio)³.

O escopo desse trabalho não permite uma discussão mesmo que superficial dos pontos específicos e dos problemas decorrentes do debate acerca da equivalência ou da tipologia textual de Katharina Reiss (para tanto referência é feita a Snell-Hornby, 1988); o que emergiu do esboço acima, entretanto, é a mudança de foco: do item lexical isolado em um sistema de língua para o manuseio diferenciado de textos em um ato de tradução. Isso tem sido levado ao extremo pelas abordagens mais recentes dos estudos da tradução.

2. RECENTES TEORIAS DE TRADUÇÃO

O que é prevalente na série de abordagens recentemente apresentadas na Alemanha (particularmente Hönig e Kussmaul, 1982; Reiss e Vermeer, 1984; Holz-Mäntäri, 1984; ver também a coleção de ensaios de Snell-Hornby, 1986a), em primeiro lugar, é a orientação em direção ao *cultural* mais do que a orientação para a transferência lingüística; em segundo lugar, estas abordagens vêem a tradução não como um processo de transcodificação, mas como um ato de *comunicação*; em terceiro lugar, elas são todas orientadas em direção da *função* do *texto-alvo* (tradução prospectiva) mais do que em direção das prescrições do texto-fonte (tradução retrospectiva); quarto, elas vêem o texto como uma *parte integrante do mundo* e não como um espécime isolado de língua. Essas semelhanças básicas entre as abordagens recentes são tão marcantes que não seria exagero falar em uma nova orientação no âmbito da teoria da tradução.

A contribuição principal para essa abordagem foi feita por Hans J. Vermeer, cuja *Skopostheorie*, baseada na função do texto traduzido (GK. *Scopos* = objetivo, alvo), é apresentada em Reiss e Vermeer (1984).

Vermeer, por muitos anos, fez oposição veemente à visão que considera a tradução como meramente uma questão de língua: para ele tradução é primordialmente uma transferência transcultural (ver Vermeer, 1986), e em sua visão o tradutor deve ser bi-cultural, senão multicultural, o que naturalmente envolve o domínio de várias línguas, já que língua é parte intrínseca da cultura. Segundo, Vermeer considera a tradução, essencialmente, como uma forma de ação, “*Sondersorte von Handeln*” (1986:36). Em outras palavras, a tradução pode ser descrita como um ‘evento

³ Isto se baseia na teoria das funções de Bühner (1934). Reiss adiciona um quarto tipo de texto, o *audio-medial*, para referir-se à linguagem do teatro, de filmes.

transcultural’ (cf. Snell-Hornby, 1987). Isto se aplica tanto para pares cujas línguas são próximas culturalmente (como o inglês e o alemão) bem como para pares cujas línguas têm conexões culturais mais distantes (como o finlandês e o chinês): a diferença é de grau e não de tipo. Vermeer descreve o seu conceito de tradução da seguinte forma (1986:33):

Tradução não é transcodificação de palavras ou sentenças de uma língua para outra, mas uma complexa forma de ação, por meio da qual informações são geradas em um texto (material da língua-fonte) em uma nova situação e sob condições funcionais, culturais e lingüísticas modificadas, preservando-se os aspectos formais os mais próximos possíveis.

Todavia a característica mais marcante da abordagem de Vermeer é a função do texto-alvo, que pode muito bem diferir da função original do texto-fonte. Nesse contexto, Vermeer introduziu dois termos: *Funktionskonstanz* (função constante, não-modificada) e *Funktionsveränderung* (função modificada, por meio da qual o texto é adaptado para corresponder a necessidades específicas na cultura-alvo). Um exemplo notável é o caso de textos de anúncios: a função do texto é preservada se a tradução é também um anúncio endereçado a fregueses com intenção de comprar o produto. É modificada a função se, por exemplo, o texto é usado com o objetivo de informar, como em convenções e estratégias de marketing na cultura-fonte. Essa observação implica algo muito importante, que foi amplamente ignorado tanto pela abordagem tradicional quanto pela abordagem lingüística de tradução: ‘a’ tradução *per se* não existe, tampouco a ‘tradução perfeita’. Uma tradução é diretamente dependente da sua função prescrita, que deve ser claramente definida desde o começo. Para Vermeer, a tradução é sempre relativa à situação dada, e, por isso, sua abordagem é essencialmente *dinâmica*. Ele mesmo a descreve da seguinte forma:

Como não podemos dizer que um dado texto é um texto pragmático, uma propaganda, mas que apenas pretende ser um, é entendido, traduzido ou interpretado enquanto tal, temos de escolher uma maneira mais dinâmica de organizar as palavras e dizer que a decisão depende do objetivo da tradução. (Reiss e Vermeer, 1984:29)

Uma abordagem de tradução bastante semelhante, mas com um viés mais lingüístico, é apresentada no interessante livro *Strategie der Übersetzung*, escrito por Hans G. Hönl e Paul Kussmaul (1982). Ele de fato foi projetado como um livro texto para estudantes dos institutos de treinamento de tradutores, e o fato de este livro apresentar uma profusão de exemplos ilustrativos e ser escrito em um estilo desembaraçado, ao invés de diminuir, aumenta o seu valor teórico. O ponto de partida de Hönl e Kussmaul é a concepção de texto como o que chamam de “a parte verbalizada de uma sócio-cultura” (1982:58): o texto se sustenta em uma dada situação e é condicionado pela sua experiência sócio-cultural. A tradução, então, é dependente da sua função como um texto ‘implantado’ em uma cultura-alvo. O critério básico para

atingir a qualidade de uma tradução é chamado de “grau necessário de diferenciação”, que representa “o ponto de intersecção entre a função do texto-alvo e os determinantes sócio-culturais” (1982:53). Para ilustrar esse critério eles citam duas sentenças, cada uma fazendo referência a uma famosa escola privada britânica:

In Parliament he fought for equality, *but he sent his son to Winchester*. [No parlamento ele lutava por igualdade, *mas mandou seu filho para Winchester*.]

When his father died *his mother couldn't afford to send him to Eton any more*. [Quando o seu pai morreu, *a sua mãe não mais pôde mandá-lo para Eton*.]

Então eles citam dois tipos extremos de traduções alemãs:

...seinen eigenen Sohn Schickte er auf die Schule in Winchester. [...ele enviou seu próprio filho para a escola em Winchester.]

...konnte es sich seine Mutter nicht mehr leisten, ihn nach Eton zu schicken, jene teure englische Privatschule, aus derem Absolventen auch heute noch ein Grossteil des politischen und wirtschaftlichen Führungsnachwuchses hervorgeht. (1982:58) [...sua mãe não tinha mais condições de mantê-lo em Eton, pois essa era uma escola privada inglesa cara, cujos formandos ainda hoje figuram entre as lideranças políticas e econômicas.]

A primeira tradução é sub-diferenciada: o mero nome ‘Winchester’ não carrega o mesmo sentido para um leitor alemão da mesma forma que para um inglês. A segunda tradução é sobre-diferenciada: por mais correta que esteja a informação sobre escolas privadas britânicas, esta é supérflua para o texto em questão⁴. Na primeira das duas sentenças em inglês, é a hipocrisia do pai (dado o caráter exclusivo e elitista das escolas privadas) que é enfatizada, enquanto que o segundo caso enfatiza o empobrecimento da mãe viúva (e as caras mensalidades escolares). Conforme o grau necessário de diferenciação para os textos em questão, os autores sugerem:

Im Parlament kämpfte er für die Chancengleichheit, aber seinen eigenen Sohn schickte er auf *eine der englischen Eliteschulen*. [No parlamento ele brigava para que todos tivessem direito às mesmas oportunidades, no entanto enviou seu próprio filho para estudar em uma das escolas de elite inglesas.]

⁴ A tradução literal: “...that expensive English public school which even today produces many of the future leaders in politics and management” [“...aquela cara escola privada inglesa que até hoje produz muitos dos futuros líderes na política e na administração”].

Als sein Vater starb, Konne seine Mutteres sich nicht mehr leisten, ihn auf *eine der teuren Privatschulen* zu schicken. [Quando seu pai morreu, sua mãe não tinha condições de mantê-lo em uma das escolas particulares caras.]

3. UMA ABORDAGEM INTEGRADA

As duas abordagens básicas de teoria de tradução delineadas aqui focalizam tanto a língua especializada quanto a língua ordinária, focalizam textos pragmáticos muito mais do que textos literários, e são ensinadas em institutos de treinamento, que não se propõem a formar tradutores literários. A tradução literária, que nos últimos anos tem despertado muito interesse na Alemanha, é considerada parte da literatura comparada e é ainda domínio dos departamentos de literatura⁵. Nesse âmbito, esta corresponde àquilo que é chamado de *translation studies* (representados por estudiosos dos Países Baixos, Israel, Grã-Bretanha, Canadá e Estados Unidos da América). É lamentável que até agora as abordagens lingüística e literária de teoria da tradução tenham sido consideradas excludentes. Para a *Übersetzungswissenschaft*, de orientação lingüística, a tradução literária foi excluída como sendo ‘desviante’, a “ação livre com elementos criativos e expressivos na língua” (Wilss, 1977:181), e portanto distante de toda objetividade científica. Do mesmo modo, os estudiosos da área de tradução literária rejeitam a abordagem lingüística como inadequada para seus propósitos (Hermans, 1985:10).

A abordagem de orientação cultural da teoria da tradução tem grande chance de promover a interligação entre as abordagens lingüística e literária, e de fato ela implicitamente reúne todos os tipos de tradução. Ademais, sua orientação ao texto-alvo como parte da cultura-alvo coincide perfeitamente com o princípio central dos estudos de tradução literária, tal como está exposto em Hermans (1985). Todavia, a tradução de orientação cultural parece menos aplicável à teoria literária do que é para textos especializados ou para textos de língua ordinária: primeiro, em uma obra de arte literária, o texto-fonte tem um status diferente daquele que tem um anúncio ou um contrato legal; segundo, no caso de um texto literário os fatores de situação e de função são infinitamente mais complexos do que em um texto pragmático; e terceiro, a questão do estilo, tão relevante na tradução literária, no âmbito da tradução não-literária quase não é levada em consideração. Isso não significa que a abordagem cultural proposta por Vermeer seja irrelevante para a tradução literária; apenas significa que uma série de aspectos precisam ser reconsiderados.

Defendo que uma abordagem integrada não é apenas possível, mas que é até mesmo essencial se os estudos da tradução procuram se estabelecer como uma disciplina independente, ao invés de permanecer como duas áreas distintas de duas

⁵ Este é o caso tanto nos poucos cursos oferecidos na área de tradução literária, quanto em relação aos projetos de pesquisas (cf. os trabalhos dos estudiosos do grupo de estudos de tradução de Göttingen).

disciplinas autônomas: lingüística aplicada e crítica literária. Em um estudo recente intitulado *Translation Studies - An Integrated Approach* (Snell-Hornby, 1988) tentei mostrar que há, sem dúvida, conceitos e métodos da lingüística que - dada uma interpretação não-dogmática e flexível - podem ser aplicados para uma variedade de textos, desde a história de Dylan Thomas até uma circular de reunião ou sinais de trânsito em uma rodovia. Especialmente produtivos para a tradução são alguns conceitos da lingüística textual, da semântica de protótipos, da gramática contrastiva e da teoria dos atos de fala.

A rigorosa concepção de tradução de orientação lingüística, que considera a tradução como substituição ou transcodificação, foi de fato abandonada, até mesmo para a tradução de língua especializada; enquanto que o potencial da abordagem de orientação cultural tem de ser ainda melhor investigado. Para além dessa conclusão geral, que pode ser delineada a partir do breve resumo da teoria da tradução moderna alemã, há, entretanto, dois aspectos relevantes que emergiram dessa discussão e podem ser vitais para a disciplina do futuro. Primeiro, concordando ou não com cada teoria, é incontestável que cada uma delas proporcionou conceitos e terminologia básicos, tanto quanto um quadro de referências, sem o qual nenhuma disciplina de estudo pode desenvolver-se. Segundo, enquanto que, na Alemanha, muito tem sido feito para institucionalizar a variedade de sub-áreas dos estudos da tradução, nenhuma tentativa significativa tem sido feita no sentido de mantê-las juntas. Há de se estabelecer pontes de ligação entre as várias tendências minimizando as distâncias entre elas, de tal forma que, quando dois estudiosos de tradução de diferentes países e com diferentes experiências falarem sobre tradução, eles tenham um terreno comum.

Traduzido por Élide P. Ferreira e Paulo R. Ottoni

REFERÊNCIAS

- BÜHLER, Karl (1934) *Sprachtheorie. Die Darstellungsfunktion der Sprache*. Stuttgart: Fischer.
- CATFORD, John C. (1980) *Uma Teoria Lingüística da Tradução*. Tradução do Centro de Especialização de Tradutores de Inglês do Instituto de Letras da PUC de Campinas. Cultrix. São Paulo.
- HERMANS, Theo (ed.) (1985) *The Manipulation of Literature. Studies in Literary Translation*. London: Croom Helm.
- HOLZ-MÄNTTÄRI, Justa (1984) *Translatorisches Handeln. Theorie und Methode*. Helsinki: Suomalainen Tiedeakatemia.
- HÖNIG, Hans G. e Paul Kussmaul (1982) *Strategie der Übersetzung. Ein Lehr- und Arbeitsbuch*. Tübingen: Narr.
- JÄGER, Gert e Albrecht Neubert (eds.) (1982) *Äquivalenz bei der Translation*. Leipzig: Enzyklopädie.
- KADE, Otto (1968) *Zufall und Gesetzmässigkeit in der Übersetzung*. Leipzig: Enzyklopädie.
- KOLLER, Werner (1972) *Grundprobleme der Übersetzungstheorie. Unter besonderer Berücksichtigung schwedisch-deutscher Übersetzungsfälle*. Berne: Francke.

- NIDA, Eugene A. (1964) *Toward a Science of Translation. With Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translating*. Leiden: Brill.
- NIDA, Eugene A. e CHARLES R. Taber (1969) *The Theory and Practice of Translation*. Leiden: Brill.
- REISS, Katharina (1971) *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik. Kategorien und Kriterien für eine sachgerechte Beurteilung von Übersetzungen*. Munich: Hueber.
- REISS, Katharina e HANS Vermeer (1984) *Grundlegungeiner allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen: Niemeyer.
- SNELL-HORNBY, Mary (ed.) (1986a) *Übersetzungswissenschaft - Eine Neuorientierung. Zur Integrierung von Theorie und Praxis*. Tübingen: Franke.
- _____. (1986b) Übersetzen, Sprache, Kultur - in Snell-Hornby (1986a): 9-29.
- _____. (1987) Translation as a Cross-cultural Event: *Midnight's Children - Mitternachtskinder*, in *Indian Journal of Applied Linguistics*, 2: 91-105.
- _____. (1988) *Translation Studies - An Integrated Approach*. Amsterdam: Benjamins.
- VERMEER, Hans J. (1986) Übersetzen als Kultureller Transfer, in Snell-Hornby (1986a): 30-53.
- WILSS, Wolfram (1977) *Übersetzungswissenschaft. Problemeund methoden*. Stuttgart:Klett.